

## A PRESENÇA DA PROSA DE FICÇÃO PORTUGUESA EM JORNAIS DA AMAZÔNIA TOCANTINA NO SÉCULO XIX

Maria Luiza Rodrigues Faleiros Lima <sup>1</sup>

### RESUMO

Nesse trabalho pretendemos abordar a ficção portuguesa publicada nos jornais durante o século XIX em Cametá/PA, haja vista que a referida cidade era considerada um centro difusor de cultura perante a província do Grão-Pará. Assim sendo, nosso trabalho discorre sobre a ficção veiculada por meio dos periódicos cametaenses no século XIX, enquanto forma de expansão cultural e atuação portuguesa nessa região. Ressaltamos que a presença da prosa de ficção portuguesa foi um fator de grande importância nos jornais brasileiros e, indubitavelmente, contribuiu para a expansão de leitura, além de instigar escritores brasileiros a publicarem suas prosas. Para consubstanciar essa pesquisa, utilizamos como referencial teórico as obras de BARBOSA (2007); CANDIDO (2000); COSTA (2008), entre outros. Acreditamos que recuperar a prosa de ficção de temática lusitana corrobora com a assertiva de que a cidade de Cametá costumava ser um polo difusor da cultura letrada na região da Amazônia Tocantina.

**Palavras-chave:** Prosa de Ficção. Jornais Cametaenses. Século XIX. Autores Portugueses. Amazônia.

### INTRODUÇÃO

Fundada em 24 de dezembro de 1635, Cametá é uma das cidades mais antigas do estado do Pará, hoje com 382 anos. Localizada em um platô à margem esquerda do imponente rio Tocantins, possui uma grande tradição e importância histórica e cultural, além de muita beleza natural, que advém de suas praias, igarapés, florestas e ilhas. São várias as menções à cidade nos jornais publicados na Província do Grão-Pará. Durante esta pesquisa, encontramos mais de 5 mil notas, a maior parte em relação às viagens e vapores que saíam ou chegavam à cidade. Um número tão grande nos permite averiguar sua importância em um contexto regional e também nacional, como será visto nesta seção.

Tendo isso em vista, surgiu o interesse de investigar a história da cidade por meio dos periódicos publicados em Cametá no século XIX, haja vista que a referida cidade era considerada um centro difusor de cultura perante a Província do Grão-Pará,

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de **XXXXXX** da Universidade Federal - UF, [autorprincipal@email.com](mailto:autorprincipal@email.com);

já que no período da Cabanagem chegou a ser, embora por pouco tempo, a capital da Província paraense.

Desta maneira, o objetivo desse trabalho foi recuperar a prosa de ficção com temática portuguesa, publicada nos jornais durante o século XIX em Cametá/PA, haja vista que a referida cidade era considerada um centro difusor de cultura perante a província do Grão-Pará. Assim sendo, nosso trabalho discorre sobre a ficção veiculada, enquanto forma de expansão cultural e atuação portuguesa nessa região. Ressaltamos que a presença dessas obras foi um fator de grande importância nos jornais brasileiros e, indubitavelmente, contribuiu para a expansão de leitura, além de instigar escritores brasileiros a publicarem suas prosas.

## **METODOLOGIA**

Além da pesquisa bibliográfica, fez-se necessária uma investigação no Setor de Microfilmagem da Biblioteca Arthur Vianna, do Centur, em Belém-PA, haja vista que a referida biblioteca constitui-se em um dos maiores acervos de jornais do século XIX, do Norte do país, além disso, pesquisou-se na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no Museu Histórico de Cametá, além de consulta a alguns escritores e historiadores da cidade, como Alberto Moia Mocbel, Haroldo Barros e Salomão Laredo.

Ao pesquisarmos a história da cidade de Cametá na imprensa periódica estabelecemos o marco temporal da pesquisa, como tendo seu início em 1848, data de veiculação do primeiro jornal cametaense, intitulado O Teo Teo, e finalizando em 1903, data em que finalizou-se a publicação de A Escrava Isaura, último exemplo de prosa de ficção nos jornais da cidade.

Apesar de termos notícia de, pelo menos, trinta e nove jornais que circularam na cidade durante o século XIX, conforme consta na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, apenas sete foram preservados e podem ser consultados. Dessa forma, após minucioso trabalho de classificação de todo o material e análise de cada uma das 392 edições encontradas, foi construída uma tabela com toda a prosa de ficção publicada, totalizando cinquenta e quatro textos veiculados em seis periódicos diferentes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Durante o século XIX foi efervescente o movimento da imprensa no Brasil, com significativa circulação de periódicos nas principais cidades do país. Além do Rio de Janeiro, capital da Corte naquele momento, na província do Grão-Pará, o movimento cultural foi intenso e as manifestações em jornais e revistas foram presentes em todo território. Segundo Costa (2008, p.10), “o nascimento da imprensa no Pará se deu, concomitantemente, à chegada de ideias liberais advindas da Europa por meio de estudantes paraenses que de lá retornaram com a bagagem cheia de ideais revolucionários”, entre esses jovens estava Felipe Patroni (1794-1866), que acabou por fundar o primeiro jornal do estado, *O Paraense*, em 1822. Além dessa folha, de curta duração, várias outras surgiram e a imprensa ficou difundida igualmente na cidade de Cametá.

Atualmente, tem-se notícia de, pelo menos, quarenta jornais que circularam entre os leitores daquela região, segundo a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1908), no tomo consagrado à Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa Periódica no Brasil. Esse número de jornais publicados em Cametá demonstra a importância da cidade no contexto regional e, até mesmo, nacional, uma vez que a divulgação de periódicos é um grande indicativo para fazer circular a cultura local e instruir e entreter seus cidadãos.

Apesar da distância geográfica entre Cametá e a capital da Província, Belém, a forte presença da imprensa e o grande número de publicações na cidade permite afirmar que o interior paraense, em particular, a região mencionada, valorizava a cultura letrada e não se mantinha à margem do que estava acontecendo no restante do país em matéria literária. As informações mencionadas e analisadas nos capítulos anteriores permitem corroborar a fala de Barbosa (2007) de que:

Outro importante aspecto da circulação da cultura letrada que os jornais revelam com bastante propriedade diz respeito à integração entre as províncias e a circulação de livros e periódicos. Esta e as outras pesquisas em jornais têm desmentido a concepção corrente, segunda a qual as províncias viviam culturalmente isoladas e, no máximo, mantinham contato com a Corte, ou a capital da República. Ao contrário, os jornais e periódicos revelam que havia um movimento

intenso entre as províncias, o que incluía a troca de jornais, o recebimento de livros, a crítica literária, tudo isso apresentado em notas que, por si só, já constituem fonte de documentos e de pesquisas para uma história da leitura no Brasil que não se limita às fontes bibliográficas tradicionais (BARBOSA, 2007, p. 83-84).

Foi essa integração entre a Província do Grão-Pará e o interior que possibilitou que a imprensa chegasse a Cameté. Nos jornais cametaenses encontramos diversas publicações de autores brasileiros e estrangeiros, perfazendo um total de cinquenta e cinco exemplos de prosa de ficção. No que diz respeito à temática portuguesa, encontramos dois exemplos de prosa de ficção, que, apesar de terem autoria desconhecida, tem como cenário a cidade de Lisboa e personagens históricos lusitanos: *O Segredo de uma Confissão* e *O Poder de um Retrato*.

Esse número elevado de publicações veiculadas corrobora a afirmativa de que, após a Independência do Brasil, uma grande fonte de interesse foi a presença dos folhetins nos jornais. Esse gênero literário foi uma importante ferramenta de atualização cultural em nosso país, segundo Meyer (1996) em *Folhetim*, uma história: “Deste caótico passeio em busca do folhetinzão europeu no Brasil fica a certeza de ter ele deixado marcas indeléveis, e não só nos construtores do romance nacional.” (MEYER, 1996, p. 313).

Assim sendo, ao analisarmos os títulos publicados na cidade de Cameté, encontramos essa influência do folhetim europeu, uma vez que, no que diz respeito à temática portuguesa, encontramos dois exemplos de prosa de ficção, que, apesar de terem autoria desconhecida, tem como cenário a cidade de Lisboa e personagens históricos lusitanos: *O Segredo de uma Confissão* e *O Poder de um Retrato*, que serão analisados a seguir.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### *SEGREDO DE UMA CONFISSÃO*, ROMANCE ANÔNIMO

Publicada em sete capítulos no jornal *O Jasmim*, iniciando em 29 de novembro de 1874, o romance intitulado *Segredo de uma confissão – Romance Original* – não teve sua autoria divulgada no jornal. O primeiro capítulo, intitulado *A carta*, apresenta a jovem Amélia, que está infeliz ao ler uma carta de seu amado, pois ele afirma que sabe que o pai da jovem está decidido a dá-la em casamento a um militar, mas, apesar disso, irá no dia seguinte pedir a mão dela em casamento. Se a resposta for negativa, ele entraria para um convento. A criada, Josefina, tenta acalmar a moça dizendo que ela deve resignar-se à vontade de seu pai e que ele deve ter seus motivos para negar o pedido, mas ela tem certeza de que o verdadeiro motivo do pai:

É esse que amo ter pouca fortuna, e não ter família. Meu pai é excessivamente (palavra ilegível). Nunca dará sua filha a um homem, cuja origem não conheça. E amanhã... amanhã, quando ele me for pedir para sua esposa, eu antevejo qual será a resposta de meu pai; ele lhe dirá “nunca”; e eu serei obrigada a casar com esse militar orgulhoso, e sufocar todas as penas em meu coração, e a ser eternamente desgraçada (*O Jasmim*, n. 94, 29/11/1874, p. 1).

Esse diálogo, segundo o narrador, se passou em um quarto de uma bela casa de Lisboa, capital de Portugal. O segundo capítulo, *Recusa e despedida*, retoma no dia posterior ao da carta, e mostra Roberto, pai de Amélia, recebendo a visita de Eduardo, o amado da moça. O moço afirma que é caixeiro da casa de Jeronimo Alves Guimarães, uma das mais abastadas da capital, e que tem condições de sustentar sua amada, mas infelizmente, não possui uma família. Como previsto, o pai se recusa terminantemente a conceder a mão de sua filha em matrimônio ao jovem, afirmando: “Infeliz!... Julgo-o bela pessoa, e até virtuoso; mas... um enjeitado... nunca será esposo de minha filha” (*O Jasmim*, n. 96, 06/11/1874, p. 1).

Ao ter a mão de Amélia recusada, Eduardo fica indignado: “É o não ter família que faz com que o senhor recuse dar-me a sua Amélia? Deve porem lembrar-se que as ações fazem os homens; e que apesar de não ter parentes sou honrado.” (*O Jasmim*, n. 95, 06/11/1874, p. 1). Apesar muito triste devido à recusa, ele decide que não irá se vingar e nem tentará contra sua própria vida, mas irá entrar para um convento.

Ao ingressar na instituição religiosa, Eduardo busca alívio na leitura das Sagradas Escrituras. Ao se dirigir a um armário depara-se com vários cadernos, entre eles, um intitulado *Algumas de minhas confissões mais notáveis*. Nele havia o resumo de várias confissões, uma delas narra:

Viviam nesta capital dois esposos; e havia oito meses que possuíam um doce fruto de seu amor: chama-se Eduardo Teixeira. Sua mãe, Joaquina Ramos, recolhendo-se um dia para sua casa não achou o seu querido filho: ele havia sido roubado por uma mulher a quem seu marido havia prometido unir-se, procurando vingar desta sorte o seu amor desprezado; teve ocasião, de acordo com uma criada, e o conduziu à Misericórdia, alguns anos depois ela confessou seu crime, e Joaquina foi procurar o menino àquela casa; este porém havia saído dali, levando consigo a medalha e retrato que o acompanhava, a fim de que com aqueles sinais, poder, por acaso, um dia achar a sua família (*O Jasmim*, n. 97, 28/12/1874, p. 2).

Tal confissão permite a Eduardo recuperar a história de sua família. Sua mãe, em seu leito de morte, confiou ao padre que possuía grande fortuna, que devia ser entregue a seu filho, quando ele aparecesse. O sinal de reconhecimento seria a medalha que a criança havia levado consigo ao ser sequestrada, objeto que estava na posse de Eduardo.

O jovem então dirige-se à casa de Roberto para pedir novamente a mão de sua filha em casamento. O pai afirma que havia se arrependido de não ter permitido o enlace, pois sabia das qualidades do jovem, mas já havia dado permissão a um outro homem, Rafael, para se casar com a moça. Antes de saber o que se passava com os sentimentos de Eduardo frente a uma nova decepção, Rafael chega à casa em uma maca, pois uma bala havia atingido o militar. Há aqui um dado importante para a narrativa, que é a afirmação de Roberto que ocorria uma “crise melindrosa na capital”. Tal fato permite situar o enredo no tempo cronológico da história, Eduardo foi sequestrado aos oito meses de idade em 1814 e o tempo atual da narrativa se passa em 24 de julho de 1833, dessa forma, a narrativa se passa durante o período da Guerra Civil Portuguesa, que durou de 1828 a 1834.

Apesar de saber que vai morrer, Rafael encontra-se feliz por ter lutado bravamente por seus ideais de militar. Em seu leito de morte, permite a Roberto ceder a mão de sua filha a outro homem que poderá fazê-la feliz. O derradeiro episódio, *Patriotismo e Felicidade*, mostra a decisão de Eduardo, em um gesto que demonstra um forte caráter e amor à pátria, de se alistar nas fileiras dos caçadores, onde Rafael havia deixado uma lacuna.

A atitude de Eduardo demonstra uma valorização do nacional, característica do Romantismo Português. Durante a guerra Eduardo foi honrado por seus superiores e, em pouco tempo, é promovido a oficial inferior, havendo se destacou na ação do dia 10 de outubro de 1833. No ano seguinte, na batalha de Almoester, foi ferido, mas se reestabeleceu prontamente. Finalmente, no dia 11 de julho de 1834, Amélia pôde se reencontrar com seu amado e um mês depois estavam casados e felizes.

#### *O PODER DE UM RETRATO*, ROMANCE ANÔNIMO

Tendo também como cenário a cidade de Lisboa encontramos outro romance publicado no mesmo jornal, no ano de 1875, em cinco capítulos, intitulado *O Poder de um Retrato* – Romance Original. O primeiro capítulo, *Amor de Mãe*, começa mostrando uma casa comum da cidade de Lisboa. Encostada à janela que tinha vista para um palácio está uma jovem de pouco mais de dezoito anos, “formosa como uma virgem de Rafael, alva como o mais fino mármore” (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3).

A personagem, chamada Leonor, contemplava um rapaz, Álvaro, um estudante de Medicina, que parecia insensível a seu carinho. Seu rosto “era nobre e simpático, mas parecia que um profundo combate se desenvolvia em seu peito, e dava ao seu caráter um aspecto melancólico” (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3). Entre eles havia um berço, com uma criança de treze meses, filho do casal. Álvaro nesse momento afirma que deseja levar o filho embora:

– Leonor, vós para mim sois a mesma bela ... encantadora: consagro-vos o mesmo amor; mas hoje venho pedir-vos um sacrifício; eu o exijo por força, ou por vontade.

Eu quero levar meu filho!... Não julgueis que pretendo tratar contra a sua existência...não: ela me é bastante cara; quero tê-lo em minha companhia e nada mais. (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3)

Em seu desespero, Leonor tenta argumentar com Álvaro, afirmando que ele chegou em sua vida, a fez apaixonar-se e entregar sua honra a ele, resultando disso o filho de ambos, mas o homem não esmorece em seu propósito, termina o relacionamento, entrega uma bolsa de dinheiro, promete mandar um pagamento todos os anos e leva o bebê embora.

O segundo capítulo se passa dezoito anos depois, nas salas do palácio do Conde de Rosental, nobre fidalgo francês, onde está tendo lugar uma reunião com figuras da nobreza de Portugal, dentre eles, Vasco da Gama e Gil Vicente. Personagem imortal da Literatura, Gil Vicente, nascido no ano de 1465, é considerado o pai do teatro português, foi o responsável por modificar esse gênero no país. A ele são creditadas 44 peças, entre as mais famosas estão: o *Auto da Visitação*, encenado perante a rainha D. Maria; o *Auto da Barca do Inferno*, o *Auto da Barca do Purgatório* e o *Auto da Barca da Glória*.

Já Vasco da Gama foi um importante navegador português do período das Grandes Navegações, nascido em 1469. Foi ele que comandou a frota que chegou às Índias, possibilitando que a Coroa e a burguesia portuguesa obtivessem lucros expressivos, quebrando o monopólio de cidades como Gênova e Veneza. Como vemos, há aqui uma preocupação em fornecer uma contextualização histórica de dois personagens significativos da história de Portugal, assim como o período áureo das navegações ultramarinas.

Maria de Rosental, também presente nessa reunião, era a filha do dono da casa, bela moça, bem-vestida, considerada uma deusa da formosura pelo narrador, era admirada de perto por Pedro, a quem retribuía um sorriso, indicativo de que havia um romance entre eles, iniciado antes da partida de Pedro em uma das viagens de Vasco da Gama.

A alegria pela volta de Pedro era intensificada pelo fato das duas famílias aprovarem a relação, e o casamento já estava sendo tratado por seus pais. A edição

seguinte exhibe a sequência do romance, com o capítulo *A mãe e o filho*. Um mês havia se passado desde a festa, e na casa do conde Álvaro, pai de Pedro, os preparativos para o casamento de Maria e Pedro estavam sendo feitos. Durante um passeio pelo sítio da Alfama em direção a seu palácio, o jovem avista um casebre que indicava pobreza e miséria, onde se encontra uma senhora muito humilde. Como vemos, há aqui um indício de que a narrativa seria de autoria portuguesa, pois o autor parece ser alguém que tinha conhecimento muito extenso e aprofundado sobre os cenários portugueses, uma vez que cita um dos bairros mais famosos de Lisboa, capital portuguesa.

Ao parar para conversar com a mulher, Pedro pede para que ela conte a origem de sua desgraça, que narra:

– São passados vinte anos. Eu era jovem nessa idade em que o amor é o único pensamento, houve um homem por quem senti uma violenta paixão. [...] Dessa união tivemos um filho; era os meus encantos, era junto a ele que passava parte de meus dias, a contemplá-lo quando dormia o seu sono de inocente. [...] Uma noite, noite fatal, o meu amante me disse que pretendia seu filho, roguei-lhe, pedi-lhe de joelhos que mo deixasse, que não mo roubasse minha única consolação; mas ele foi surdo a meus rogos, e levou meu filho para sempre! (*O Jasmim*, n. 105, 04/03/1875, p. 1-2).

O jovem pede então para que a senhora fale o nome do homem que levou seu filho embora, ela respondeu que seu nome era Álvaro. A senhora possuía também um retrato do homem, e ao mostrá-lo a Pedro, esse reconhece seu pai. Emocionado, o moço promete levar sua mãe daquele lugar em breve e vai para seu palácio.

A última parte, *A Reparação*, mostra o confronto de Pedro com seu pai, em busca de respostas após a conversa com sua mãe. Ele começa por contar toda a história que ouviu mais cedo. No coração de Álvaro voltavam todas as memórias da época em que era jovem e havia amado aquela mulher. Ele então pede para ver Leonor, e afirma que o que havia motivado a separação tinha sido a grandeza de seu nome, as convenções sociais. O conde pede o perdão de Leonor, que o aceita, uma vez que ainda o amava. No dia seguinte, Pedro e Maria estão prontos para o seu casamento, quando Álvaro e Leonor aparecem elegantemente vestidos para o seu próprio enlace. A prosa de ficção termina com essa tentativa de reparação do passado por parte do Conde

Álvaro, ao fazer da mulher, a quem uma vez abandonou e a quem tomou o filho, sua esposa e condessa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, acreditamos ter sido possível demonstrar que estudar a história da Imprensa no interior da Província do Grão-Pará faz-se cada vez mais importante, pois pudemos demonstrar que a cidade de Cameté encontrava-se em consonância com o resto do país, quanto às publicações nos periódicos. Em uma época em que a tecnologia ainda era bastante deficiente, as condições de vida precárias e o acesso ao conhecimento dificultado, o fato de termos encontrado apenas na cidade referência a 39 periódicos demonstra que, de fato, o interesse da população em ler e transmitir a cultura, e, conseqüentemente, a literatura era grande.

Se, conforme afirma Candido (2000, p. 23), o sistema literário só pode ser constituído quando há “a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros”, observamos pelo que foi exposto neste trabalho que as condições na cidade de Cameté eram propícias para a circulação da prosa de ficção e demais gêneros literários, uma vez que havia os produtores literários dispostos a publicarem nos jornais e um o público capaz de ler e entender a linguagem dessas obras. Desse modo, a imprensa na época era uma grande facilitadora da circulação da cultura letrada.

Ademais recuperar exemplos de prosa de ficção de autores estrangeiros, como *O Poder de um Retrato* e *Segredo de uma Confissão*, ratifica a proposição de que a referida cidade se mantinha atualizada e capacitada para acompanhar as tendências que percorriam a Corte e mesmo a Europa. Tendo isso em vista, a pesquisa que se levou a cabo é apenas o começo de um trabalho que deve ser aprofundado, uma vez que ainda há várias ramificações possíveis que não puderam ser exploradas tão a fundo quanto se gostaria.

Ao final do trabalho, é possível que se tenha recuperado e reescrito um pouco da memória do município de Cametá, sua cultura e tradição tanto histórica quanto cultural e literária, além de possibilitar que outros pesquisadores possam utilizar tal conhecimento em trabalhos futuros, perpetuando assim, a história dessa importante cidade do interior paraense.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, S.F.P. **Jornal e Literatura: a Imprensa Brasileira no Século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

COSTA, M.L.G. **Gazeta Oficial: Periódico Noticioso Literário do Século XIX**. Belém: UFPA, 2008. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em

Estudos Literários, Instituto de Letras e Comunicação, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO. Tomo consagrado à Exposição Commemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa Periódica no Brazil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

MEYER, M. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

## FONTES PRIMÁRIAS

### Periódico

*O Jasmim (1873)*